



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM
DANÇA
MESTRADO PROFISSIONAL

**DANÇA AFROREFERENCIADA NA ESCOLA PÚBLICA: PELO
RECONHECIMENTO DO CORPO NEGRO NA INFÂNCIA.**

LISSANDRA PATRÍCIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

Salvador - BA
Dezembro - 2022

LISSANDRA PATRICIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

MEMORIAL

**DANÇA AFROREFERENCIADA NA ESCOLA PÚBLICA: PELO
RECONHECIMENTO DO CORPO NEGRO NA INFÂNCIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Dança.

Linha de pesquisa 2 – Processos Pedagógicos, Mediação e Gestão Educacional em Dança

Orientador: *Prof.º Dr.º Antrifo Sanches*

Salvador - BA

Dezembro - 2022

AGRADECIMENTOS

Aos meus ancestrais, todos que vieram antes de mim, pela força e coragem que me dão, por me fazerem presente nessa existência, aos meus pais pela vida pelo amor e tanta presença, força e incentivo, sempre!

Família

Vinicius Bonifacio meu alicerce. Você tem sido meu amor, você sabe sua companhia incentivo noites perdidas comigo, suportando minhas crises e você ali surtando, sobrevivendo comigo, e além de tudo no seu processo de doutoramento, não tenho dúvidas que é muito, muito amor por mim, para suportar tanto e resistirmos juntos, incentivando e sendo parceiros um do outro nessa caminhada, por nós, por nossa filha, pelos nossos ancestrais, por toda uma sociedade e um povo que precisa que façamos algo para que muita coisa seja mudada verdadeiramente. Gratidão aquariano da minha vida, por me trazer lucidez nos meus devaneios de pisciana, por se fazer parceiro e presente e me amar tanto.

Alunos, funcionários, equipe gestora da Escola Lélis Piedade sem vocês essa pesquisa não existiria, gratidão pela cumplicidade amor e confiança.

Meu orientador Antrifo Sanches, como não te amar como não ser grata, foi tanto respeito tanto amor tanta entrega que me pergunto em todos os momentos: porque ser merecedora desse presente que foi e é você nessa guiança? Onde o respeito pelo que sou, enquanto mulher preta, mãe, quantas vezes você se fez luz nos meus momentos tão sombrios sem nem saber, vivenciando simultaneamente todos juntos uma pandemia, perdas de pessoas queridas e você ali comigo numa sobriedade, uma paz que me transmitia sendo sempre respeitoso com todos os meus processos crises de ansiedade, medos e vontade de desistir e você ali com aquele sorriso” Minha orientanda linda” me resgatava sempre e me dava força para avançar um pouquinho mais em meio ao caos, me orientando, dando todo suporte, estando presente, encontrando comigo caminhos, gratidão e pouca para expressar tudo que sentir e sinto por você.

Ana Amorina você foi colo luz e farol nesse processo me ajudando a dar vida, a gestar e parir esse Guia. Meu irmão de alma Davi, por seu carinho e todo suporte áudio-visual desde o início desse mestrado, meu amigo Honorato Aragão por ter sido essencial no momento mais difícil dessa caminhada. Minhas amigas Joselice Barros e Jedjane Mirtes e Lasmin pelo apoio presença e registro de parte das atividades da pesquisa, gratidão pela entrega de vocês sempre. Heloisa pelo incentivo de sempre pelos papos holísticos, regados a conhecimento acadêmico afrodiaspórico, por me ajudar a reconhecer essa cientista que estou prestes a me tornar através de leitura Intelectuais Negras como por exemplo Bell Hooks, apresentada a mim por você. A todas as mestras convidadas para compor esse guia esse panteão de mulheres pretas e potentes.

Minha imensa gratidão ao corpo diretivo e de profissionais que compõe a escola Lélis Piedade pela confiança e abertura sempre, desde a gestão de Lúcia dando continuidade com Rejane, e coordenadoras Grazi, Alba, Jamile, Graças, Ana. A todos que contribuem de alguma forma que por acaso possa ter esquecido se sintam parte desses agradecimentos vocês foram e são muito importantes.

PRODAN,

À coordenadora do curso, a Dr.^a Prof.^a Beth Rangel, por todo acolhimento incentivo, por ser essa mulher luz, mulher farol, que sinaliza caminhos, atenta a todos, gratidão por sua existência minha caminhada acadêmica tem muita relação com essa luz que vem de você, sinalizado caminhos. Meus agradecimentos também aos membros da banca examinadora, Dr.^a Prof.^a Régia Mabel Freitas e Dr.^o Prof.^o Fernando Ferraz por terem aceito o convite para examinar este trabalho e pelas contribuições para melhorias. Aos professores do programa por cada contribuição. O PRODAN foi um grande portal na minha vida atravessa esse portal me fez repensar Lissandra Santos enquanto mulher preta e cientista no mundo, pensar que estar nesse lugar de pesquisadora também é meu lugar e o PRODAN foi essa porta que se abriu possibilitando que isso se tornasse real pra mim, me fez refletir sobre todo o meu amadurecimento acadêmico e as redes que construí no processo de pesquisas através das disciplinas cursadas e dos eventos que participei nessa

caminhada assim como todas as disciplinas cursadas que foram alicerces para que a pesquisa ganhasse corpo e hoje se constituísse o que é.

MO DÚPÉ GBOGBO

SUMÁRIO

Resumo	7
Abstract	8
1.Introdução	9
2.Memória e Experiência.....	11
3.Objetivos da Pesquisa.....	14
4.Justificativa.....	14
5.Referenciais Teóricos.....	16
6.Metodologia.....	21
6.1.Processos metodológicos.....	22
6.2.Outras experiências.....	29
7.Considerações acerca do guia.....	30
8.Referências Bibliográficas.....	33
9.Guia Orí-entado.....	36

Resumo

O projeto de pesquisa intitulado “*Dança Afrorreferenciada na Escola Pública: pelo reconhecimento do corpo negro na infância*” busca ressignificar e fortalecer a autoestima dos estudantes das séries finais do fundamental I, 4º e 5º ano, através da valorização da cultura negra, do sentimento de pertencimento, de direitos, da formação cultural e humana e da luta contra o racismo. Busca desenvolver práticas que estimulem o amor próprio e reconhecimentos de si e do corpo negro na infância dos alunos da educação básica de ensino através da dança, de palestras e reflexões de nossas raízes históricas com maior aceitação da sua cor, possibilitando vivências onde a criança negra se enxergue de forma potente, desconstruindo assim, a ideia de história única que nos foi contada sobre nossa ancestralidade negra. O projeto foi desenvolvido na escola *Municipal Lélis Piedade* situada na comunidade de *Cosme de Farias* em *Salvador - Bahia*. As atividades ocorreram uma vez por semana durante o período contido entre os meses de setembro a dezembro de 2021, finalizando com a mostra de um guia Orí-entado intitulado “*Mulheres Referências Negras na Dança em Salvador-Bahia*”.¹

Palavras-chave: Dança, Afro-centricidade, Educação, Antirracismo.

¹ Nota sobre afro-centricidade e alguns dos termos que levem o prefixo afro numa conceituação ampliada pelo autor Molefi Kete Asante. Segundo Asante, afro-centricidade – que podemos utilizar as palavras afro-referência, afro-referencialidade e afro-cêntrico – é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com os seus próprios interesses humanos.

Abstract

The research project entitled “Afro-referenced Dance in Public School: for the recognition of the black body in childhood” seeks to re-signify and strengthen the self-esteem of students in the final grades of fundamental I, 4th and 5th grade, through the appreciation of black culture, the feeling of belonging, rights, cultural and human formation and the fight against racism. It seeks to develop practices that encourage self-love and self-recognition and the black body in these students' childhood, through dance, lectures and reflections on our historical roots with greater acceptance of their color, enabling experiences where the black child sees himself in a different way potent, thus deconstructing the idea of a unique story that was told to us about our black ancestry. The project was developed at the Municipal School Lélis Piedade located in the community of Cosme de Farias in Salvador - Bahia. The activities took place once a week during the period between the months of September and December 2021, ending with the exhibition of an Ori-entado Guide entitled “Women Black References in Dance in Salvador-Bahia”.²

Keywords: Dance, Afro-centricity, Education, Anti-racism.

² Note on afro-centricity and some of the terms that take the prefix afro in a conceptualization extended by the author Molefi Kete Asante. According to Asante, Afro-centricity – which we can use the words afro-reference, afro-referenceality and Afro-centric – is a type of thought, practice and perspective that perceives Africans as subjects and agents of phenomena acting on their own cultural image and according to their own human interests.

1.Introdução

Esse trabalho foi desenvolvido durante a Pandemia da corona vírus, o que impossibilitou por diversos momentos o contato presencial com os alunos da Escola Municipal Lelís Piedade, contudo, com o conjunto de atividades já realizadas, foi possível planejar e desenvolver atividades para o momento atual de retorno às atividades presenciais. Assim, apresento aqui as atividades pregressas, que estão ocorrendo no momento, e as futuras que ocorrerão no momento que for possível.

A construção dessa pesquisa se deu principalmente sobre a reflexão ante a contribuição da África para a formação do povo brasileiro, o que, segundo Joseph Ki-Zerbo (2011), é de extrema necessidade para o desenvolvimento da espécie humana.³ A história da *grande Mãe África* para o Brasil precisa ser vista de dentro para fora, em vista que a sua cultura e seu patrimônio social devem ser apresentados aos brasileiros pelos conhecimentos, religiões, línguas, valores, crenças e conceitos.

São informações que nos ajudarão a reconhecer de onde vêm nossas próprias influências culturais e simbólicas que formam cada indivíduo em nossa sociedade. Faz-se necessário tornar visível a história desse legado deixado por nossos ancestrais negros. Compreender essa herança oriunda do continente africano nos ajudará a entender parte da problemática que hoje vivemos e com isso poderemos ter a percepção sobre como a violência resvala com maior incidência na população negra, como a desigualdade é maior na periferia e principalmente, qual a cor dessa periferia. Cientes dessa questão histórica podemos apontar que o alunado sofre de racismo estrutural que compreende também o racismo institucional.⁴ Segundo Silvio Almeida (2019) quando as relações políticas, econômicas, jurídicas e por vezes familiares normatizam o racismo, isso demonstra o quão estrutural ele está na nossa sociedade e, aliado a estrutura social que normalizou o comportamento racista têm-se instituições que atuam todos os dias de

³ KI-ZERBO, Joseph. História – Volume I. Metodologia e Pré-História da África. São Paulo – SP, Editora Cortez, 2011.

⁴ ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo – SP, Editora Jandaíra; 1ª Edição, 2019.

modo que confere mesmo que indiretamente, desvantagens e privilégios aos sujeitos baseados em sua raça. Saliento aqui que este trabalho trata do racismo como um elemento a ser discutido em sala de aula, como mais uma das problemáticas inerentes ao processo de criação da pesquisa.

Percebendo a necessidade do reconhecimento do corpo negro na infância, sobretudo de crianças que crescem sem saber sobre sua história e seus legados ancestrais, se auto-negando enquanto crianças negras, para compreenderem como se deu essa ruptura do processo do não reconhecimento de si, abri espaço para o lugar de fala, que, segundo Djamila Ribeiro (2019), é necessário para que possamos descobrir onde nossa identidade foi forjada.⁵ Quando me refiro a abrir espaço para os estudantes falarem e se colocarem a partir do seu ponto de vista, pretendo relevar a oportunidade de expor as observações que esses alunos fazem diariamente sobre como é ser uma pessoa negra na sociedade soteropolitana. Esse espaço de fala nesse contexto precisa ser direcionado a quem vive ou quem viveu o racismo e oportunizar a essas pessoas que falem de suas vivências e realidades.

Para compreender o motivo da negação dessas crianças sobre sua afro-brasilidade, pude perceber através das falas das mesmas o motivo de tanta vergonha de se reconhecerem enquanto crianças pretas. Isso está ligado a uma série de fatores: à ausência de diálogo familiar sobre reconhecimento da ancestralidade e de assuntos que abordam as questões étnico-raciais, além da deficiência do ensino sobre África e cultura Afro-brasileira nos livros didáticos, mesmo após a implementação da lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), que obriga escolas públicas e particulares a apresentarem e desenvolverem esses temas em sala de aula.

A imagem da pessoa negra em alguns livros didáticos é, em geral, apresentada em lugar subalterno, contribuindo ainda mais com o racismo na sociedade em que vivemos. Isso demonstra uma enorme ausência de referências positivas da negritude nesses livros, o que reforça a negação desses estudantes

⁵ Nota sobre o que é o lugar de fala. Segundo Djamila Ribeiro, o conceito sobre lugar de fala pode ser pensado através da psicanálise ou da comunicação, contudo, a referida autora prefere discutir esse lugar a partir do feminismo negro, objetivando uma análise do lugar da fala por parte dos indivíduos historicamente sem esse lugar, como as pessoas negras, principalmente as mulheres.

para o auto reconhecimento. Partindo dessa discussão, trago também para o projeto o conceito de interseccionalidade⁶ por se tratar de um marcador muito importante e fundamental para entendermos a lógica feminista negra, compreendendo que questões raciais inter cruzam diretamente com questões sociais e de gênero, assim justifico a importância da construção do guia *Orí-entado* intitulado “*Mulheres Referências Negras na Dança em Salvador-Bahia*, proposta nessa pesquisa como um material importante no processo de desconstrução do lugar histórico da mulher negra na sociedade e da contribuição dessas mulheres para a mesma.

A partir dessa problemática foi necessário criar estratégias na sala de aula através da dança afro-brasileira e danças populares afro-diaspóricas, como mecanismo para reconhecimento e valorização da cultura africana e sua importância na formação da cultura afro-brasileira e construção do nosso país, potencializando a auto estima de crianças negras da *Escola Municipal Lélis Piedade*.⁷

2. Memória e Experiência

Lissandra Santos mulher preta, neta, filha e mãe, artista da dança, pesquisadora brasileira, soteropolitana, periférica, oriunda de escola pública. Como filha de Maria Nice Conceição dos Santos e Carlos Alberto dos Santos, neta de Carmelita Araújo e José Elias, Nair e Otaviano, esses dois últimos avós paternos, trago neste trabalho o resultado da luta destes e de meus ancestrais e os honro por isso.

⁶ Nota sobre interseccionalidade. Segundo Carla Akotirene, interseccionalidade é uma ferramenta que nos permite enxergar a colisão das estruturas nos dando instrumentos teóricos-metodológicos. Um conceito indispensável no campo das ciências sociais, levando em conta a inseparabilidade do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado.

⁷ Lélis Piedade foi um farmacêutico e jornalista, redator do Jornal de Notícias de Salvador, cobriu a Guerra de Canudos e foi um dos poucos que através de suas reportagens denunciou os abusos do exército e dos coronéis durante a referida guerra, além da recusa de médicos em atender feridos e doentes vindos de Canudos, além de ter sido secretário do Comitê Patriótico da Bahia em Cansanção. Sobre mais das ações de Lélis Piedade na Guerra de Canudos afrente do Comitê, ver: PINHEIRO, Alexandre Magnus Silva. “Uma experiência do front: a Guerra de Canudos e a Faculdade de Medicina da Bahia”. Dissertação de Mestrado em História, UFBA, 2009.

Iniciei a prática da dança aos 19 anos na Escola de Dança da FUNCEB e em paralelo na Orquestra Popular da Bahia. Nesses dois lugares tive a oportunidade de viajar para alguns estados do Brasil com intuito de difundir a cultura do meu país através da dança. Principalmente com o conhecimento adquirido na Orquestra Popular da Bahia, orquestra que tinha como foco a cultura afro-ameríndia.⁸

Nesse lugar pude aprender sobre a cultura do meu país, o que colaborou para o reconhecimento de minha ancestralidade negra.

A escola de dança da FUNCEB me proporcionou o aprendizado de: ballet clássico, dança moderna, danças populares regionais brasileiras e outras linguagens e lá fui aluna de Vera Passos, Leda Ornelas, Mestre King e muitos outros profissionais que são referências muito importantes na construção do que sou hoje enquanto pesquisadora. A partir da vivência com todos esses profissionais, iniciou em mim o interesse pelas poéticas afro-diáspóricas. Em paralelo com essas duas grandes escolas que frequentei, participei de alguns grupos de dança que me impulsionaram para o lecionar em pequenas escolas particulares de Salvador.

No ano de 2008 ingressei na Escola de Dança da UFBA através do concorrido vestibular, com prova teórica e prática. Nesta instituição pude ampliar meus conhecimentos sobre a pesquisa do corpo, movimento e das práticas pedagógicas. Durante o segundo semestre de curso de licenciatura em Dança, tive a oportunidade de ser bolsista do PIBID (Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), atuei durante dois anos no Colégio Central da Bahia com alunos e alunas do ensino médio atuando com práticas de processos criativos de dança e estudos do corpo. Essas experiências como bolsista PIBID contribuíram de forma significativa na minha carreira, servindo diretamente para que me descobrisse uma docente. A experiência acadêmica, em sua primeira etapa, finalizou em 2012 com a conclusão do curso. No processo de curso, pude estagiar na Escola de Dança da FUNCEB, mesma escola que me formei como técnica em dança e coreografia, e que permanece sendo uma escola de dança referência em Salvador.

⁸ Orquestra Popular da Bahia, foi um grupo formado por crianças, jovens e adultos que a partir das aulas de canto, dança, música e artesanato, sedimentaram seus talentos. A referida orquestra foi uma criação da etnomusicóloga Emília Biancardi especialista nas manifestações tradicionais da Bahia. Tendo como coreógrafo o renomado professor Carlos Moraes.

Já como professora formada, ingresso no mercado de trabalho tendo a oportunidade de lecionar na Escola Parque em regime PST (Professor Substituto).⁹

No percurso de minha formação vivenciei oito meses de trabalho em Luxemburgo na Europa, com dança, na Cia Jorge Silva. A referida companhia possui 30 anos de existência e tem como foco a dança contemporânea, seu coreógrafo e criador, Jorge Silva, que é um artista autodidata criou um estilo próprio e tem em sua pesquisa marcas significativas da busca por uma linguagem étnica, investigativa, criativa estimula os corpos de seus bailarinos a exporem, através da dança, questões da sociedade como por exemplo o espetáculo do ano 2012 intitulado como pemba.

Regressando ao Brasil prestei concurso para a Secretaria de Educação do Município de Salvador, sendo aprovada, atuando sobre o regime de contrato temporário REDA (Regime Especial de Direito Administrativo). Assim através da secretaria municipal de Salvador foi possível lecionar em muitas escolas, das quais listo: Saturnino Cabral, Dr.^o Marcus Vinicius Vilaça, São João Batista e Lélis Piedade, esta última me inspirou para o desenvolvimento de minha pesquisa e que faz parte da minha história, pois me torno docente desta que um dia fui aluna.

⁹ Escola Parque ou Centro Educacional Carneiro Ribeiro, é uma instituição pioneira de ensino no Brasil, pois, a proposta aplicada na instituição é do ensino integral e profissionalizante. Proposta idealizada pelo pedagogo Anísio Teixeira.

3.Objetivos da Pesquisa

Objetivo Geral:

- Estimular o reconhecimento dos estudantes da sua identidade negra através da dança fortalecendo como referencial positivo a reconexão com sua afro-brasilidade.

Objetivos Específicos:

- Desenvolver estratégias através das danças afro-brasileiras e afro-diaspóricas para fomentar nos estudantes a valorização de sua autoimagem e autoestima;
- Valorizar a cultura africana deixada em território nacional a fim de despertar nos sujeitos o orgulho por sua história ancestral;
- Reconhecer o legado deixado por nossas ancestralidades negras;
Compreender e perceber a importância do legado Africano no Brasil como também responsável pela construção da cultura do nosso país;
- Criar um guia orí-entado onde traremos em evidência mulheres negras, referências na Dança em Salvador.

4.Justificativa

O bairro de Cosme de Farias, periferia de Salvador que segundo a Prefeitura Municipal conta em 2021 com cerca de 38.341 habitantes possui três escolas, sendo duas municipais e uma estadual. Escolher a Escola Municipal Lélis Piedade tem ligação direta com a minha vida, pois, além de nascida e criada no bairro, estudei nas três escolas. A realidade dos anos que passei nessas escolas não é tão diferente dos alunos que hoje acompanho na escola. Durante a minha trajetória de estudante não havia no currículo a existência do ensino de dança, nos dias atuais, têm-se, contudo. Tendo em vista, que meu ingresso no programa de mestrado profissional é fruto de uma “deficiência” observada por mim no ensino, a não existência do ensino de dança no currículo

Tendo em vista a necessidade de criar uma estratégia na Escola Municipal *Lélis Piedade* através da dança como possibilidade para interromper processos de autonegação e racismo entre as crianças, está em andamento o projeto intitulado “*Dança Afrorreferenciada na Escola Pública: pelo reconhecimento do corpo negro na infância*”, que, como já dito, visa despertar nos sujeitos a valorização da história ancestral negra assim como o fortalecimento da sua autoestima e orgulho da sua história.

E a partir das narrativas africanas e afro-diáspóricas, considerando que somos pessoas pretas em diáspora e que se faz necessário criar condições a partir do orgulho e resistência tomando como referência nossa própria história, entendo a pessoa estudante como protagonistas desse despertar através da prática da dança.

Pensando que nossos corpos não são vazios e estão aqui pulsando memórias, busco estimular esse despertar necessário, fortalecendo, a partir dessa prática, a construção da identidade, favorecendo sua autorreflexão para o reconhecimento da magnitude de serem crianças negras.

Reconhecendo o valor civilizatório africano e afro-diaspórico que nos compõe, busco incentivar o despertar desses indivíduos para sua africanidade, referindo-me como africanos em diáspora e possibilitar, através da dança, a formação de sujeitos “afinados” com sua ancestralidade e que se sintam pertencentes a esse país reconhecendo a sua verdadeira história, fortalecimento assim sua autoestima.

Como parte das ações o guia *Orí-entado “Mulheres Referências Negras na Dança em Salvador – Bahia”* pretende reafirmar a importância de mulheres e suas contribuições para a arte da dança na nossa cidade, como também no Brasil e em outros países.

5. Referenciais Teóricos

O suporte teórico-metodológico para elaboração das aulas é desenvolvido através da leitura da obra de Leila Leite Hernandez (2005) intitulada a *África na sala de aula*, que possibilita pensar a dança através da perspectiva do despertar da afro-brasilidade nos sujeitos envolvidos no projeto.

Molefi Kete Asante, propõe pensar um método de ensino afro-centrado a partir de cinco características gerais:

1. O método afrocêntrico considera que nenhum fenômeno pode ser aprendido adequadamente sem ser localizado primeiro. Um fenômeno deve ser estudado e analisado a partir das relações de tempo e espaço psicológicos. Ele deve sempre ser localizado. Ou seja, este é o único modo para investigar as complexas interrelações entre ciência e arte, projeto e execução, criação e manutenção, geração e tradição e tantas outras áreas atravessadas pela teoria.
2. O método afrocêntrico considera o fenômeno múltiplo, dinâmico e em movimento e, portanto, ele é imprescindível para uma pessoa anotar cuidadosamente e registrar de modo preciso a localização do fenômeno em meio às flutuações. O que significa que o (a) investigador (a) deve saber onde ele ou ela se encontra no processo.
3. O método afrocêntrico considera uma forma de crítica cultural que examina a ordem e os usos etimológicos das palavras e termos para reconhecer a localização das fontes de um (a) autor (a). O que nos permite articular ideias com ações e ações com ideias baseado no que é pejorativo e ineficaz, e, baseado no que é criativo, transformador em níveis políticos e econômicos.
4. O método afrocêntrico procura descobrir o que está por trás das máscaras da retórica do poder, privilégio e hierarquia para estabelecê-lo como o principal lugar de produção de mitos. O método estabelece uma reflexão crítica que revela que a percepção do poder monolítico não passa da projeção de uma armação de aventureiros.
5. O método afrocêntrico localiza a estrutura imaginativa de sistemas econômicos, partidos políticos, política de governo, forma de expressão cultural através da atitude, direção e linguagem do fenômeno, seja ele texto, instituição, personalidade, interação ou evento.¹⁰

Kabengele Munanga (2005) apresenta e crítica ao livro didático sobre a perspectiva racista nos seus conteúdos, mesmo sendo por muitas vezes o único suporte teórico para os professores, ainda assim é preciso ter atenção ao utilizá-los

¹⁰ ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade, pág. 3. Texto traduzido pelo Prof.º Dr.º Renato Nogueira, extraído da página: <http://www.asante.net/articles/1/afrocentricity/>

pois estamos lidando com alunos que trazem do seu dia a dia marcas profundas da discriminação racial e ao tratarmos sem crítica ao livro didático, nós professores corremos o sério risco de estarmos colaborando com essa mesma discriminação vivida por eles. Munanga (2005) deixa claro a sua posição quanto ao tratamento dos alunos em sala de aula quando diz: “[...] ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada[...]”.¹¹ Assim como o autor, proponho pensar um ensino de dança sobre a perspectiva afro-centrada, conceito já abordado no parágrafo anterior, que conflui diretamente a necessidade de “aprimoramento” dos professores e dos materiais didáticos utilizados. Para Ana Célia Silva (2011) mesmo percebendo grandes deficiências no livro didático a referida autora pondera que também é possível perceber mudanças na produção destes livros quando diz:

É pertinente também ponderar sobre a importância e os efeitos das transformações da representação social do negro no livro didático, no que diz respeito a sua presença nas ilustrações, a partir, segundo os ilustradores e autores, da percepção da sua formação étnico-cultural, da formação étnico-cultural brasileira e da construção de modelos referenciais para os negros.¹²

Para Djamilia Ribeiro (2019) a história nos mostra que o colonizador tem um olhar sobre os corpos negros, sobre nosso saber, sobre nossas produções e precisamos não aceitar essa visão colonizadora que toma o nosso lugar. Esse lugar é o lugar de fala, onde corroborando com as ideias da referida autora proponho a partir do ato de abrir espaço para que grupos e diversas vozes sejam ouvidas e levadas a sério. O lugar de fala traz, na sua essência, a consciência do papel do indivíduo nas lutas, criando uma lucidez de quando você é o protagonista ou coadjuvante da sua própria história e vivência. Para evidenciar esse lugar de fala, utilizo a dança como “suporte” motriz dessas vozes. Onde as políticas públicas

¹¹ MUNANGA, Kabenguele (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília, pág. 15, 2005.

¹² SILVA, Ana Célia da. A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Porque mudou? EDUFBA, Salvador – BA, 2011, pág.98.

falham, a arte prevalece!

Para além desses teóricos, dialogo com a Pretagogia, conceito criado por Sandra Petit, assentado nos valores da cosmovisão africana a partir da tradição oral, do corpo enquanto fonte espiritual e produtor de saberes, a noção de território e o princípio de circularidade como fonte da cosmovisão africana. Segundo Petit, Pretagogia é uma semântica que carrega a arte e o direito de ser genuíno e assim se afirmar. Utilizando da tradição oral africana e da literatura africana é possível utilizar valores teórico-metodológicos. Alacridade é um conceito utilizado pela mesma autora que *grosso modo* significa: expressão dançante assentada no sentimento comunitário, na capacidade da criatividade, na manifestação da gestualidade, na celebração e no caráter festivo na sociabilidade. A alegria ensejada pelo Corpo-Dança Afro-Ancestral, o referido termo, que através dos estudos do mestrado almejo cunhar, pois durante a minha prática docente já sentia que o fazia, porém, não o teorizava. A palavra corpo-dança afro-ancestral propõe trabalhar corpo através da reativação de suas memórias ancestrais. Em continuidade ao conceito de Alacridade, Muniz Sodré (2017) reflete sobre o entendimento nagô quando nos diz: No âmago de uma filosofia de diáspora, como o pensamento nagô, a alacridade entendida como “ponto de existência” é uma regência afetiva que propicia essa margem dentro de um contexto social[...].¹³ Dentro do contexto do bairro de Cosme de Farias com todas as suas re-existências é possível notar corpos dançantes em suas esquinas, pontos de ônibus, são pessoas comuns com facilidade corporal para o movimento, bastando o estímulo necessário que pode vir de um carro particular com alguma música do momento na cidade ou o som alto de alguma casa etc. Essa mesma alacridade, se reflete na maioria das crianças da escola municipal Lélis Piedade.

Acompanhando o trabalho artístico e acadêmico de Luciane Ramos da Silva (2008), é possível perceber seu olhar para a dança como uma prática social, cultural e política, que serve para trazer à tona o melhor de diversos sujeitos que estão reprimidos, segregados e desassistidos pelo poder público. Para Silva (2017), e

¹³ SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Ed. Vozes, Petrópolis – RJ, 2017, pág.26.

corroboro com ela, a dança é uma linguagem que nos ajuda a buscar políticas indenitárias que auxiliem o reconhecimento dos sujeitos. Silva (2017) acredita que a dança é um dos elementos-chave para as reexistências dos indivíduos através do reconhecimento de sua ancestralidade negra.¹⁴

Luciane Ramos da Silva (2019), traz em sua pesquisa abordagens que se baseiam em corporeidades africanas e afro-diáspóricas e articula às ideias de pluralidade, movimento e ancestralidade negra presente nessas culturas, trazendo princípios da cosmovisão africana de espiritualidade, temporalidade e circularidade nas suas pesquisas assim como analisa os processos de modelo de hierarquização e subjugação dos corpos negros.

Verifica os significados da simbologia comunicativa dos adornos corporais e afirma que os mesmos possuem poderosas funções nas estruturas sociais, estabelecendo valor social, além de reforçar crenças dentro do contexto africano e utilizado como proteção diária para o corpo como meio de expressão de identidade e como forma de mostrar unidade coletiva. Acredito que essa unidade coletiva seria o que chamamos de aquilombamento.

Luciane Ramos da Silva (2008), traz a concepção que o pano que nos veste também significa uma palavra que nos representa na sociedade. A estética negra é presente na minha pesquisa e, ao evidenciá-la através da dança, proponho que esses corpos tenham sua autoestima valorizada. Isto é um dos aspectos que a referida autora apresenta em sua produção, algo que diretamente compõem a forma que trabalho com a dança, sempre evidenciando a estética negra.¹⁵

Quando falo de estética negra falo de ressignificação da imagem da pessoa negra, que por muito tempo não foi tida como referência, sendo negada e hostilizada. Busquei, por exemplo, referências na estética positiva da beleza negra nos blocos afros de Salvador como o Ilye Ayê, o Malê de Balê e outros, estimulando os estudantes para se reconhecerem através dessas estéticas, valorizando seus

¹⁴ SILVA, Luciane Ramos da. "A dança dos outros – imaginação diáspóricas para interpelar o mundo". Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 10, n. 2, jun-dez/2019, p. 91 a 98.

¹⁵ SILVA, Luciane Ramos da. "Trilhas e tramas: percursos insuspeitos dos tecidos industrializados do continente africano. A experiência da África oriental". Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UNICAMP, 2008.

cabelos crespos, a cor de suas peles, as cores das vestimentas e adornos, como também as letras de suas canções.

Luciane Ramos da Silva (2019) traz uma perspectiva de estudo pautado na possibilidade de abertura de abordagens pedagógicas que possibilite aos estudantes se reconhecerem em diversas estéticas. Como as diferentes estéticas negras, em geral, não são referências, se fez necessário estimular o reconhecimento e apropriação dessas estéticas a partir dos referências que cito no parágrafo acima.

Ao me apropriar das pesquisas de Sandra Petit (2015) e Luciane Ramos da Silva (2019), busco contrapor suas ideias a fim de evidenciar o que minha pesquisa traz. São pesquisas distintas que no meu ponto de vista, enquanto professora preta, noto uma perfeita soma de conceitos e temas, a exemplo de quando Petit apresenta o corpo-dança afro-ancestral que conceitua a dança da seguinte forma: “Dançar, na perspectiva afro-ancestral aqui tratada, tem a uma visão circular do mundo, na qual início e fim se encontram em eterna renovação”.¹⁶ Assim como a referida autora, proponho que a dança ancestral africana esteja em intensa renovação em cada um dos corpos dos alunos e alunas da Escola Municipal Lélis Piedade.

Somando a tudo isso, trago Vanda Machado (2013) como aquela que observa e aplica os ensinamentos através do olhar ancestral. A referida autora trata sobre a importância de escutar os mais antigos e contar o que se escuta. As histórias contadas ajudam na formação dos indivíduos ao compreenderem a dinâmica que é viver. Retornar à Escola Municipal Lélis Piedade como docente e poder contar isso aos alunos é demonstrar a capacidade e o potencial que a escola tem e que nós, moradores e estudantes temos. Assim, o saber quem somos torna-se marco referencial deste trabalho, fazer com que a dança guie os alunos no caminho do reconhecimento do corpo negro na infância, através de suas histórias, ancestralidade e experiências no mundo, trazendo-lhes as memórias ancestrais guardadas em seus corpos.

¹⁶ PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia: pertencimento, Corpo-Dança Afro-ancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a implementação da lei nº 10.639/2003. Fortaleza: EdUECE, 2015, pág. 71.

6. Metodologia

Reconhecendo a deficiência do livro didático, e ao mesmo tempo sabendo que na sala de aula ele é um dos materiais mais acessíveis ao professor, cabe-nos trabalhar a partir do modo como nos orienta Kabengelê Munanga (2005), exemplificado nos referenciais teóricos deste texto.

As aulas práticas de dança afro-brasileiras e populares aconteceram com o foco nas danças de matrizes africanas com apoio de materiais audiovisuais que objetivaram formar o intelecto étnico e racial do alunado, além de trabalhos interdisciplinares com o objetivo de fortalecer a estética negra.

Como estratégia metodológica apresentei referenciais afro-centrados na literatura, leituras de livros que abordem o tratamento de questões étnico raciais para crianças, contando para elas a história que nunca foi contada, ou foi contada a partir de uma visão branca e colonizadora, mostrando a existência de negros e negras bem-sucedidas nos diversos setores da nossa sociedade, como já foi analisado por Vanda Machado (2013) e citado aqui neste trabalho, onde trago imagens positivas da negritude fazendo com que elas se reconheçam através das mesmas e vislumbrem alcançar lugares escolhidos por elas. Nessas aulas trouxe também elementos para que as crianças pudessem criar sua própria dança através de processos criativos, descobrindo uma dança própria, validando as experiências que os corpos pretos trazem como elemento movente, pois não podemos esquecer que como somos corpos negros em diáspora, o que criamos na atualidade também são memórias e foi a partir dessas memórias que demos início aos processos coreográficos.

Com o apoio de materiais audiovisuais, as aulas ocorreram de modo que o desenvolvimento e a formação da consciência étnico-racial do alunado fossem estimuladas. Contudo, para o melhor aproveitamento do aprendizado, foi necessário o desenvolvimento musical dos alunos, que por sua vez praticaram um pouco de canto e aulas percussivas ministradas por mim, reforçando a capacidade multidisciplinar da dança.

Essas atividades também reforçaram o desenvolvimento social, cultural,

político e cognitivo das crianças despertando nelas a necessidade de se reconhecerem enquanto pessoas negras que compõem a nossa sociedade.

6.1. Processos metodológicos.

A partir do aporte teórico apresentado, as aulas práticas ocorreram do seguinte modo: nos encontramos uma vez por semana na Escola Municipal Lélis Piedade, especificamente na segunda-feira, quando todo o turno da manhã me foi cedido para que pudesse estar com as turmas do 4º e 5º anos. O início dessa pesquisa englobava todos os alunos da escola do 1 ao 5, dos turnos vespertino e matutino, porém com a Pandemia decidi dar continuidade somente com as turmas do 4º e 5º por dois motivos: primeiro diminuir a circulação entre a sala e o contato com grande parte das crianças, resguardando a todos nós do processo pandêmico; e segundo para poder dar uma atenção maior às turmas que estão saindo da escola, já que a Lélis Piedade não oferece turmas no nível Fundamental II. O ciclo na escola se encerra para eles no 5º ano e após a conclusão elas ingressam em outras escolas no entorno do bairro.

As atividades aconteceram com propostas nomeadas por mim na qual, inicialmente propus uma roda, onde neste momento os estudantes são convidados para tirarem os sapatos e saírem do formato formal da sala de aula, as mesas e cadeirais são retiradas e uma grande roda é formada onde todos possam se olhar e conversar sobre algo que queira nesse momento. Esses são os primeiros 20 minutos de aula, onde aqui observo o estado emocional das crianças e o interesse deles para aquele dia. Após essa ação elaborei uma atividade que serviu para o processo de ressignificação da autoimagem, uma dança dos espelhos onde apresentei para eles um espelho e os orientei a escreverem em um papel, após verem sua imagem refletida neste objeto, peço que lembrem do que já lhes disseram sobre a sua imagem. Em seguida, que eles escrevam o que eles gostariam que dissessem sobre a mesma. Acompanhando essa atividade, coloquei uma música: “Sou eu Negro Lindo” de Léo Santana, e “Menina pretinha” de Mc

Shoffia, que são músicas populares do pagode baiano e funk carioca, que valorizam e trazem em suas letras mensagens positivas sobre a pessoa negra, e conduzo um processo criativo a partir daí, onde eles irão se deslocar no espaço compondo uma dança com esses espelhos, ao tempo em que vou dando orientação sobre mudanças de níveis, pausa e direções. No final das duas músicas cada um e uma olhando para sua imagem no espelho irá falar em voz alta as frases que escreveram no papel anteriormente sobre o que gostariam de ouvir da sua imagem. A ação de andar pela sala e ao encontrar um colega, parar na frente do mesmo e falar algo que ache bonito na pessoa, com a indicação que a cada parada deve encontrar pessoas diferentes. O objetivo desta ação é estimular nos alunos e alunas enxergar a sua própria beleza e beleza de seus colegas.

Prossigo com uma atividade que busca despertar da alacridade sempre com uma música que eles trazem ou me pedem para colocar. Geralmente pagode baiano ou funk carioca ou alguma música africana que trago dos meus arquivos. Quando são músicas trazidas por eles e se tratam de letras que ferem, depreciam a imagem da mulher ou da pessoa negra fazemos uma análise coletiva sobre essas músicas para possíveis reflexões e discursões.

Quais são os comandos que a música diz ou pede? Por que geralmente os comandos dessas músicas são dados principalmente às mulheres? O que você pensa quando ouve esses comandos? E como se sentem ao imaginá-los sendo ditos para vocês, para irmãs, mães, avós.... O núcleo feminino da sua família. Essa pergunta é feita para todos, alunas e alunos.

Essa atividade é para que juntos possamos discutir sobre a nossa imagem enquanto cidadãos negros. Se a ideia é resinificar a nossa imagem, por que permitir e reforçar essa imagem negativa impressa em algumas músicas? A ideia não é fazer que deixem de gostar desses gêneros musicais, mais que possam ter uma visão consciente e crítica sobre os mesmos.

Discutimos também músicas trazidas por mim e é nesse momento que busco apresentar outros gêneros musicais para estimular o gosto dos alunos e que se oportunizem a apreciar outras canções, não desmerecendo o gosto deles. Procuo sempre trazer músicas que falam sobre o legado ancestral, valorizam fortalecem o

discurso racial e eleva a autoestima. Dou como alguns exemplos as músicas abaixo:

Música: A Grande Mãe (instrumental)

Artista: Leitieres Leite e Orquestra Rumpilezz

Música: Sou eu negro lindo

Artista: Léo Santana

E quando me vê abre os braços.

Me dê um sorriso.

Sou eu negro lindo, sou eu! Sou eu!

Lute minha raça! Ame minha cor! Ame minha raça! Lute Minha Cor!

De onde eu venho tem mais, tem muito mais.

Sou negão!

Música: A bola da vez Ilê Aiyê

Artista: Ilê Ayê

Eu quero saúde e estudar, viver contente

Me formar, trabalhar, ter mais valor

Secretário de estado, ser ministro

Jornalista, engenheiro, senador

Quero cotas iguais, não diferentes

Quero ter meu direito aonde for

Moradia decente pra essa gente

No Brasil ver um negro presidente

Ô ô essa reparação já passou da hora

Não desisto, pois eu sou um negro quilombola

Eles pensam que pode apagar nossa memória

Mas a força do Ilê nos conduz nessa trajetória

Esse país aqui foi feito por nós

Ninguém vai mudar, nem calar à nossa voz

Direito de ir e voltar, cidadão

Levante a bandeira do gueto negão

A bola da vez. Sou a voz, sou Ilê

A bola da vez. Sou a voz, sou Ilê

A bola da vez. Sou Ilê, bola da vez

Música: Trevo, Figuinha e Suor na Camisa

Artistas: Emicida, Ivete Sangalo

Eu volto todo dia que nem o Sol
Cortando o horizonte (agora vai)
Se cada aurora é uma chance, agora é olho no lance
É tipo uma revanche no front
Então nesse momento, é meu talento (meu talento)
Pra ser a boa nova todo tempo (todo tempo)
De longe como monges, vou nos bondes
Onde a fé transforma casas em templos (que assim seja)
Eu sou o sonho dos meus pais, que eram sonhos dos avós
Que eram sonhos dos meus ancestrais
Vitória é sonho dos olhares, que nos aguardam nos lares
Crendo que na volta somos mais
O lar é nesse abraço, a casa, o detalhe
Onde plantamos paz
Se tem metade divide, se tem o dobro convide
É assim que Deus vive nos mortais
É o primeiro diploma
A viagem, a nova porta que se abre
Da janela do carro, o vento diz
Esteja atento aos milagres
Eu joguei pro universo, pedi um novo dia
Onde tudo se ajeita e nossa colheita é paz e alegria
Eu joguei pro universo, vibração positiva
Trevo, figuinha e suor na camisa
Então eu vou no passo da formiga, faço figa
Compro a briga desde as antiga
Humilde no passinho de formiga, hã
E o coração diz siga
Então eu vou no passo da formiga, faço figa
Compro a briga desde as antiga
Humilde no passinho de formiga, hã
E o coração diz siga
Eu sou o sonho dos meus pais, que eram sonho dos avós

Que eram sonhos dos meus ancestrais
 Vitória é o sonho dos olhares, que nos aguardam nos lares
 Credo que na volta somos mais
 Meu lar é nesse abraço, a casa, o detalhe
 Onde plantamos paz
 Se tem metade divide, se tem o dobro convide
 É assim que Deus vive nos mortais
 É o primeiro diploma
 A viagem, a nova porta que se abre
 Da janela do carro, o vento diz
 Esteja atento aos milagres
 Eu joguei pro universo, pedi um novo dia
 Onde tudo se ajeita e nossa colheita é paz e alegria
 Eu joguei pro universo, vibração positiva
 Trevo, figuinha e suor na camisa
 Eu joguei pro universo, pedi um novo dia
 Onde tudo se ajeita e nossa colheita é paz e alegria
 Eu joguei pro universo, vibração positiva
 Trevo, figuinha e suor na camisa

Música: Amarelo, azul e branco

Artistas: Rita Lee e AnaVitória

Deixa eu me apresentar
 Que eu acabei de chegar
 Depois que me escutar
 Você vai lembrar meu nome
 É que eu sou dum lugar
 Onde o céu molha o chão
 Céu e chão gruda no pé
 Amarelo, azul e branco
 Deixa eu me apresentar
 Que eu acabei de chegar
 Depois que me escutar
 Você vai lembrar meu nome
 É que eu sou dum lugar
 Onde o céu molha o chão
 Céu e chão gruda no pé
 Amarelo, azul e branco
 Eu não sei (não sei), não sei (não sei)

Não sei diferenciar você de mim
Não sei (não sei), não sei (não sei)
Não sei diferenciar
Ao meu passado
Eu devo o meu saber e a minha ignorância
As minhas necessidades, as minhas relações
A minha cultura e o meu corpo
Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje?
Não sou escrava dele
Eu vim pra te mostrar
A força que eu tenho guardado
O peito 'tá escancarado
E não tem medo, não, não tem medo
Eu canto pra viver
Eu vivo o que tenho cantado
A minha voz é meu império
A minha proteção
Eu vim pra te mostrar
A força que eu tenho guardado
O peito 'tá escancarado
E não tem medo, não, não tem medo
Eu canto pra viver
Eu vivo o que tenho cantado
A minha voz é meu império
A minha proteção
Meu caminho é novo, mas meu povo não
Meu coração de fogo vem do coração do meu país
Meu caminho é novo, mas meu povo não
O norte é a minha seta, o meu eixo, a minha raiz
E quando eu canto cor
E quando eu grito cor
E quando eu espalho cor
Eu conto a minha história
Não sei (não sei), não sei (não sei)
Não sei diferenciar você de mim
Não sei (não sei), não sei (não sei)
Não sei diferenciar

Música: Menina Pretinha**Artista:** MC Soffia

Menina pretinha
Exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha
Menina pretinha
Exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha
Devolva minhas bonecas
Quero brincar com elas
Minhas bonecas pretas
O que fizeram com elas?
Vou me divertir enquanto sou pequena
Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana
Como história de griô, sou negra
E tenho orgulho da minha cor
Africana
Como história de griô
Sou negra
E tenho orgulho da minha cor
Menina pretinha
Exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha
O meu cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
Canto rap por amor, essa é minha linha
Sou criança, sou negra, também sou resistência
Racismo aqui não, se não gostou, paciência
Cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
Canto rap por amor, essa é minha linha
Sou criança, sou negra, também sou resistência
Racismo aqui não, se não gostou, paciência
Menina pretinha
Exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha
Menina pretinha
Exótica não é linda
Você não é bonitinha
Você é uma rainha
Devolva minhas bonecas
Quero brincar com elas

Minhas bonecas pretas
 O que fizeram com elas?
 Vou me divertir enquanto eu sou pequena
 Barbie é legal, mas eu prefiro a Makena africana
 Como história do griô, sou negra
 E tenho orgulho da minha cor
 Africana
 Como história de griô
 Sou negra
 E tenho orgulho da minha cor
 Menina pretinha
 Exótica não é linda
 Você não é bonitinha
 Você é uma rainha
 Cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
 Canto rap por amor, essa é minha linha
 Sou criança, sou negra, também sou resistência
 Racismo aqui não, se não gostou paciência
 Cabelo é chapado, sem precisar de chapinha
 Canto rap por amor, essa é minha linha
 Sou criança, sou negra, também sou resistência
 Racismo aqui não, se não gostou paciência

6.2. Outras experiências

Dança de pé no chão

Oriento as estudantes a tirarem os sapatos e caminharem pela sala percebendo a temperatura do chão se conectando com essa força da terra. Essa prática às vezes acontece no final ou início das aulas, sem música ou com alguma música instrumental com repertório afro ou o som de um tambor.

Como a escola possui alguns instrumentos musicais percussivos, e tenho conhecimento prático com esses instrumentos, que adquiri quando integrei a Cia de Dança Orquestra Popular da Bahia, apresento a história desses instrumentos e ensino a tocá-los. Nas nossas criações e processos coreográficos sempre integramos esses momentos de tocar instrumentos.

Trago vídeos de crianças dançando em diferentes regiões da África. Eles experimentam dançar o que estão assistindo e após essa ação colo uma música de pagode e oriento que observem se existem movimentos em comum entre a movimentação que foi vista e dançada a partir do vídeo e a que eles dançam no pagode. Nesse momento eles começam a perceber que existe muita similaridade com o que eles dançam e os passos que eles assistiram no vídeo. No final da aula conversamos sobre memória ancestral e por que temos movimentações tão semelhantes.

O trabalho também se dá partir de diálogos sobre o tema e apreciações de vídeos filmes e apresentações de personalidade negra das inúmeras áreas do conhecimento.

7. Considerações acerca do guia.

Para centralizar as práticas por um ponto de vista afroreferencial, que atenda às demandas psicológicas e emocionais de uma comunidade de pessoas pretas em diáspora se faz necessário criar condições e métodos em que as histórias ancestrais sejam contadas, dentre outros aspectos, a partir da perspectiva do orgulho e da resistência. Tomar como referência a nossa própria história colocando estudantes negros e negras como protagonistas do seu legado ancestral oportunizando práticas de danças e a possibilidade de criação e participação ativa neste processo. Com isso, é possível fortalecer através da prática a construção das identidades favorecendo seu auto reflexo e sua magnitude enquanto crianças negras. Foi pensando nisso que elaborei algumas práticas pedagógicas em dança que culminaram em diversos projetos que são reflexos da minha formação acadêmica e enquanto mulher preta, aprendiz de outras mulheres pretas.

Para a criação deste guia foi necessário refletir e experienciar todo um arcabouço teórico-metodológico já evidenciado nas sessões anteriores deste texto.

Contudo é necessário rememorar sobre a instituição que me trouxe ao ingresso no mestrado profissional em dança da UFBA a Escola Municipal Lélis Piedade.

A escolha da escola para o desenvolvimento da pesquisa, partiu da necessidade de contribuir para a escola na qual fui aluna, naquela época a dança ainda não era inserida no currículo escolar, não haviam aulas de educação física ou qualquer outra atividade lúdica nesse espaço. Esse meu retorno também tem relação com a minha experiência. Poder trazer o que não tive nessa escola por falta de políticas públicas de ensino como as que temos atualmente. Assim pude retornar e contribuir para crianças do bairro onde também nasci e cresci, proporcionando acesso para serem transformadas através da arte, assim como eu fui.

Enquanto afrodescendente oriunda de escola pública acredito que posso ser exemplo e referência para esses e essas estudantes que vivem questões semelhantes pela qual vivi, relacionado ao social e a situação de violência que o bairro apresenta. O guia Ori-entado é a continuidade do que foi trabalhado através da dança com os estudantes para reforçar e trazer outros referenciais de mulheres que me formaram e que assim como eu, estudaram em escolas públicas periféricas e que hoje são referências para mim e para muitas outras pessoas. Portanto esse guia é uma forma de mostrar para sociedade que antes de ser a professora Lissandra Santos eu tive essas mulheres que me formaram e graças a essa formação pude retornar à escola trazendo comigo toda bagagem adquirida com elas, que estão referenciadas no guia.

Este material poderá ser acessado pelos e pelas estudantes e por qualquer pessoa que queira conhecer a história dessas mulheres e seus legados construídos através das suas danças afro-diaspóricas. Mulheres estas que se encontram vivas e que continuam contribuindo para a transformação da sociedade, assim como fizeram comigo, formando-me. Nele contém uma parte da biografia de cada uma delas e a contribuição das mesmas para o mundo e para minha prática enquanto professora, com suas ideias de atividades de dança que podem ser construídas a partir de seus legados.

8.Aspectos da pandemia

Em relação à pesquisa o momento pandêmico interferiu diretamente nas ações que seriam efetivadas com e para os alunos, já que não existia uma previsão de retorno. Por toda a questão social que não é novidade para a sociedade, falta de materiais eletrônicos, digitais, internet acessível para o público mais carente da escola pública, foi bastante angustiante ter que lidar com essa espera e com a preocupação com a situação dos estudantes em relação a como se encontravam nesse momento pandêmico. É fato que todos foram afetados socialmente, mas a população menos assistida, população pobre preta sofrerem mais consequências e menos assistência.

Pensei em diversas estratégias que viessem diminuir essa distância, mas só pude aguardar, sem sucesso. E nessa espera alimentei minha pesquisa fazendo cursos relacionados com meu tema de estudo, participei de congressos e essa foi uma forma significativa e potente que deram corpo e liga à minha pesquisa. No mês de setembro de 2021 fiz contato com a Escola Municipal Lélis Piedade para retomar as atividades presenciais com os estudantes já que eles já retornaram em formato híbrido no mês de outubro de 2021. Contudo, o regresso a escola continuou difícil. Foram vários acasos como falta de água por três dias, falecimento de uma das professoras, falecimentos de funcionário, dedetização da escola e a avaliação do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) submetida para estudantes, além dos constantes toques de recolher dados pelo poder paralelo muito influente no bairro, através de sequestros, roubos, aliciamentos e outras questões.

8.Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo – SP, Editora Jandaíra; 1ª Edição, 2019.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar, In: Nascimento, Elisa Larkin. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009, p.93-110.

_____, Molefi Kente. Afrocentricidade. Texto traduzido pelo Prof.º Dr.º Renato Nogueira, extraído da página: <http://www.asante.net/articles/1/afrocentricity/>

FERRAZ, Fernando Marques Camargo. O corpo da dança negra contemporânea: diásporas e pluralidades cênicas entre Brasil e Estados Unidos. Tese de Doutorado em Artes, Presidente Prudente – SP, UNESP, 2017.

_____, Fernando Marques Camargo. O fazer saber das danças afro: investigando matrizes negras em movimento. Dissertação de Mestrado em Artes, Presidente Prudente – SP, UNESP, 2012.

_____, Fernando Marques Camargo. Construindo um currículo negro: notas sobre identidade, diferença e aliança no campo das danças negras. Revista Arte da Cena, vol. 7, n.º 2, ago-dez, Gôiania – GO, 2021.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade/tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro – RJ, Editora DP&A, 2006.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo – SP, Editora Selo Negro, 2005.

KI-ZERBO, Joseph. História – Volume I. Metodologia e Pré-História da África. São Paulo – SP, Editora Cortez, 2011.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação – Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro – RJ, Editora Cobogó, 2019.

LEI 10.639, de 9 de janeiro de 2003. *Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura AfroBrasileira", e dá outras providências.*

LEI 11.645, de 10 de março de 2008. *Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.*

MACHADO, Vanda. *Pele da Cor da Noite*. Salvador - BA, EDUFBA, 2013.

_____, Vanda. “Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais”. Mito adaptado para capacitação de educadores da Secretaria Municipal de Lençóis – BA.

MARTINS, Leda Maria. *O moderno Teatro de Qorpo-Santo*. Belo Horizonte – MG, Editora UFMG; Ouro Preto – MG, Editora UFOP, 1991.

MUNANGA, Kabenguele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília, 2005.

PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral* Contribuições do Legado Africano para a implementação da lei nº 10.639/2003. Fortaleza – CE, EdUECE, 2015.

PIMENTEL, Adriana Miranda. “*Sentidos e significados de práticas juvenis em um bairro da cidade do Salvador, Bahia, Brasil*”. *Etnográfica - Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, vol. 16, 2012.

PINHEIRO, Alexandre Magnus Silva. “Uma experiência do front: a Guerra de Canudos e a Faculdade de Medicina da Bahia”. *Dissertação de Mestrado em História*, Salvador – BA, UFBA, 2009.

QUEIROZ, Clécia Maria Aquino de. *A tradição africana e a contemporaneidade da performance arte: um modelo para adolescentes baianas*. In: CARVALO, Marília Pinto de; PINTO, Regina Pahim. (Org.). *Mulheres e desigualdade de Gênero*. São Paulo - SP, Contexto, 2008.

_____, Clécia Maria Aquino de. *Aprendendo a ler com minhas camaradas: seres, cenas, cenários e difusão do samba de roda através da sambadeiras do Recôncavo Baiano*. Tese de Doutorado em Difusão do Conhecimento, Salvador – BA, UFBA, 2019.

_____, Clécia Maria Aquino de. *Sambando no miudinho: a estética performativa das mulheres do Recôncavo Baiano*. *Tabuleiro das Letras*, vol. 13, n.º 2, Salvador – BA, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. Rio de Janeiro – RJ, Ed. Jandaíra, 1ª Edição,

2019.

SANCHES NETO, Antrifo Ribeiro. “*Reflexões acerca da formação do corpo na dança contemporânea*”. Cadernos do JIPE-CIT (UFBA), vol. 13, pág. 56, Salvador – BA, 2005.

SILVA, Ana Célia da. A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Porque mudou? Salvador – BA, EDUFBA, 2011.

SILVA, Luciane Ramos da. “*Trilhas e tramas: percursos insuspeitos dos tecidos industrializados do continente africano. A experiência da África oriental*”. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Campinas – SP, UNICAMP, 2008.

_____, Luciane Ramos da. “Corpo em diáspora: colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny. Tese de Doutorado em Artes da Cena, Campinas – SP, UNICAMP, 2017.

_____, Luciane Ramos da. “A dança dos outros – imaginação diáspóricas para interpelar o mundo”. Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa - PB, UFPB, v. 10, n. 2, jun-dez/2019, p. 91 a 98.

SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Ed. Vozes, Petrópolis – RJ, 2017.

9. Guia Orí-entado